

O MÚLTIPLO IMAGINÁRIO DAS VIAGENS MODERNAS: CIÊNCIA, LITERATURA E TURISMO

Henrique Soares Carneiro*

RESUMO

A história das viagens tem como fonte primordial os relatos de viagem. O texto busca apresentar um panorama das viagens e de sua literatura na época moderna, confrontando os seus significados para a história das ciências naturais, para a história das sensibilidades, com a constituição da paisagem como objeto estético, e para a sociologia dos deslocamentos humanos voluntários, onde a história do turismo contemporâneo toma especial relevância.

Palavras-chave: história das viagens, literatura de viagens, viagens científicas, turismo.

ABSTRACT

The history of the travels has sources in the narratives of travels. This text discuss the travels and their narratives through the modern period, comparing their meanings for the history of the natural sciences, and the history of sensitiveness, when the landscapes becoming an aesthetic object, and also for the sociology of human movements, where the history of contemporary tourism is an important issue.

Key-words: history of travels, literature of travels, scientific voyages, tourism.

* Professor Adjunto do Departamento de História da UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto).

Existem basicamente dois tipos de viagem: as voluntárias e as forçadas. Migrações são forçadas por guerras, catástrofes, epidemias e crises econômicas, provocando deslocamentos de populações. Povos em viagem são o objeto de uma história das migrações, que, no século XX, alcançaram o seu auge. Ao terminar o século XIX, o mundo conheceu, nas palavras de Hobsbawm, “a maior migração de massas da história até aquela data”.¹ As duas guerras mundiais e as centenas de guerras da segunda metade do século XX multiplicaram ainda mais os deslocamentos humanos forçados e, no momento em que este artigo está sendo escrito, são dezenas de milhões os refugiados que vagam sem lar, ampliando a história do exílio. Mas o século XX foi também a época em que mais e mais rapidamente as pessoas viajaram voluntariamente pelo mundo. Os primeiros viajantes eram povos de culturas nômades, palavra que significa originalmente em grego “pastar” (*nomas*), denotando a atividade pastoril típica desses povos, que, por se deslocarem, não tinham casas e viviam em tendas. A palavra árabe significa originalmente “o que vive em tendas”. O termo “horda” designa a tenda, vindo do tártaro.

A época moderna conheceu outras formas de nomadismo cultural que não o dos antigos povos pastoris. O deslocamento espacial, através do desenvolvimento dos meios de transporte e de comunicação, caracterizou a própria noção de modernidade, uma época cujo padrão de medida pode ser o da diminuição no tempo necessário para se transportar pessoas e informações, até se chegar na atual era da simultaneidade global. Símbolo dessa viagem possibilitada pela tecnologia é a saga de Charles Lindbergh, que, a partir de 1927, demonstrou ser possível a travessia aérea dos continentes. Apenas 42 anos após essa façanha e o homem já estava viajando até a Lua! De lá para cá, a velocidade das viagens só cresceu, ao ponto de termos, hoje em dia, mais de cem mil pessoas permanentemente nos ares em vôos de aeronaves e uma estação espacial permanente em órbita. O filósofo francês Paul Virilio, diante do crescimento da rapidez na vida contemporânea, forjou o conceito de “dromologia” para analisar e criticar essa voracidade pela velocidade.

Neste texto, pretende-se abordar o fenômeno intenso e crescente de circulação de pessoas pelo mundo – objeto de múltiplos enfoques, desde

1 HOBBSAWM, E. *Era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991*. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995. p. 122.

os demográficos até os econômicos, sobretudo pela sociologia da emigração – não no que se refere aos deslocamentos involuntários, causados por guerras, fomes ou pressões diversas, mas em relação ao imaginário das viagens, na sua representação literária e científica, especialmente no sentido da viagem voluntária, por prazer e/ou conhecimento. O direito a viajar é muito recente, o número dos que transitam pelos lugares por opção de prazer ou de conhecimento aumentou vertiginosamente no último século. Como dizia Mário de Andrade, “ter estado lá é uma volúpia”. Viajar pelos lugares, viajar pelas pessoas. Conhecer gente, no espírito e no corpo. Trazer a notícia não só da topografia dos lugares, mas dos hábitos dos povos. Nesse sentido, Richard Burton é um expoente de uma etnografia, entre outros aspectos, dos hábitos sexuais não-europeus, constituindo-se como o viajante que se mimetiza totalmente com as populações para melhor conhecê-las. Até bem pouco, um quase exclusivo privilégio masculino. Flaubert escreveu em *Madame Bovary*, pela voz de Emma, que

...un homme, au moins, est libre; il peut parcourir les passions et les pays, traverser les obstacles, mordre aux bonheurs les plus lointains. Mais une femme est empêchée continuellement. Inerte et flexible à la fois, elle a contre elle les molleses de la chair avec les dépendances de la loi. Sa volonté, comme le voile de son chapeau retenu par un cordon, palpète a tous les vents; il y a toujours quelque désir qui entraine, quelque convenance qui retient.²

A primeira mulher a atravessar o deserto do Saara, no início do século XX, o fez disfarçada de homem, a grande aventureira francesa Isabelle Eberhardt. Apesar de, em países como o Afeganistão do Taleban, no século XXI, as mulheres serem ainda proibidas de andarem a sós, sem um parente masculino, no século XX se conheceu uma ampliação inédita da autonomia da mulher, inclusive no usufruto do simples direito de ir e vir pelo mundo.³

2 FLAUBERT, G. *Madame Bovary*. Paris: LGF/Le Livre de Poche, 1983. p. 122-123.

3 LEITE, M. L. M. *Livros de viagem 1803/1900*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997. Na página 16, a autora escreve que: “o número de viajantes mulheres, em relação ao de autores homens, já é indicativo de um padrão – o espaço para as mulheres, em viagens longas e perigosas, que não existia no início do século XIX, foi conquistado muito lentamente com a modernização dos transportes marítimos, mas conservou-se área predominantemente masculina”.

E não só as mulheres, como amplas camadas das populações, ampliaram a sua mobilidade, a sua deambulação e seus itinerários.

A ideologia da sedentariedade

Na Europa, antes da época moderna, os deslocamentos eram raros e de extensão limitada. Embora tenha havido sempre povos viajantes (os dos mares do sul e os do Saara, por exemplo), ou migrações diversas, assim como existem povos como os ciganos que são nômades até hoje, os índices médios de deslocamento das populações pré-modernas eram de poucos quilômetros no curso de toda uma vida. As pessoas nasciam, viviam e morriam no perímetro de poucas dezenas de quilômetros.⁴ Em termos puramente demográficos, uma história das viagens deveria dar conta dos cálculos dos deslocamentos humanos pela terra. Hoje em dia, milhões de pessoas estão simultaneamente em trânsito através de ares, terras e mares em veículos mecânicos e redes de vias de comunicação tecem uma intrincada teia pelo mundo. Antes da Revolução Industrial, o mundo era essencialmente agrário e as populações se mantinham fixadas à terra. As peregrinações eram uma das poucas formas de deslocamento existentes na Europa medieval, onde as comunidades viviam presas, literalmente adscritas à terra, servos da gleba. O direito de ir e vir, de romper com a servidão à gleba, libertou o trabalhador para a condição de mão-de-obra desterritorializada, nômade e descartável. Trabalhadores imigrantes, viagens forçadas, refugiados, migrações econômicas: todos estes fenômenos são característicos do capitalismo. No mundo feudal, só se viajava em peregrinações, num comércio intersticial e nas guerras. A vagabundagem era uma forma de subversão social contra a fixação dos camponeses à terra. O estabelecimento da servidão foi exatamente o dessa fixação ao solo, processo que durante o século XVI foi limitando cada vez mais a mobilidade dos camponeses, que na Rússia, por exemplo, culminou com a proibição total da movimentação

4 “...ainda em 1861, mais de nove em cada dez habitantes de 70 dos 90 departamentos franceses moravam no departamento onde nasceram”. Cf. HOBBSAWM, E. J. *A era das revolução 1789-1848*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 26.

camponesa, pelo czar Boris Godunov, em 1592, antes permitida em certas ocasiões. Segundo Perry Anderson, “em vastas áreas da Europa oriental, a forma mais característica e eficaz de luta de classes empregada pelo campesinato era simplesmente a fuga – o abandono coletivo da terra rumo a outras regiões”.⁵ Dostoiévski dizia que “a vagabundagem é uma espécie de paixão em nosso povo. Eu já observei mais de uma vez. Nosso povo é o vagabundo por excelência”.⁶

Contra a intensificação dos deslocamentos se opuseram todos os que identificaram nos valores do isolamento, da auto-suficiência, da distinção social e, sobretudo, da servidão à gleba a tradição do antigo regime que se perdia. Raymond Williams refere-se a essa ideologia oficial da sedentarização, que faz do apego ao lugar de nascimento um tópico da poesia setecentista inglesa, quando a sedentarização era a prisão dos mais pobres. Como escreve Williams, “em torno da idéia de sedentarismo desenvolveu-se toda uma estrutura de valores”.⁷ O poeta T. S. Eliot, por exemplo, chegou a dizer que: “de modo geral tem-se a impressão de que seria melhor se os seres humanos, em sua grande maioria, continuassem vivendo nos lugares em que nasceram”.⁸

Viagens científicas

A história da ciência moderna também é uma história da viagem humana pelo mundo, vocação cosmográfica da descrição do universo. Desde Marco Polo, do diário de bordo de Colombo, ou da história da volta ao mundo de Pigaffeta, que a literatura de viagens se confunde, enquanto gênero literário, com os primeiros textos das ciências naturais modernas que continuarão, até bem depois de Darwin e do século XIX, a povoar a ciência

207. 5 ANDERSON, P. *Linhagens do estado absolutista*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p.

6 DOSTOIEVSKI, apud EVDOKIMOV, M. *Pèlerins russes et vagabonds mystiques*. Paris: Cerf, 1987.

7 WILLIAMS, R. *O campo e a cidade*. Na História e na Literatura. São Paulo: Cia. das Letras, 1990. p. 120.

8 Apud WILLIAMS, op. cit., p. 120.

das descrições pioneiras dos desbravadores que foram até lá, viram e fizeram os registros.

A história dos livros de viagem é, de certa forma, a história das próprias viagens, que se perpetuam como relatos. A natureza das narrativas de viagens é múltipla. Todos os mitos das origens remetem a migrações de povos. As viagens são um mitologema arcaico, via para o conhecimento do mundo e de si mesmo. “Conhece muitas coisas aquele que muito viajou, aquele que tem muita experiência fala com inteligência. O que não foi provado pouco sabe, mas o que muito viaja aumenta sua sagacidade. Muitas coisas vi em minhas viagens, meu conhecimento é maior que muitas palavras.” (Eclesiástico 34: 9-11). Em toda Antiguidade Clássica, a sabedoria era identificada com o conhecimento de muitos lugares e muitos povos; Pitágoras, Tácito ou Heródoto eram expressão de uma erudição clássica que incluía o conhecimento geográfico, etnográfico e linguístico direto, através da experiência pessoal, onde o saber não se dissociava da vivência.

As civilizações são povos que viajam e seus prototípicos heróis fundadores são viajantes: Ulisses e Enéias, no caso da cultura clássica; mas, da mesma forma, Buda foi peregrino; Moisés atravessou o mar e o deserto atrás da “Terra Prometida”; Cristo andou em pregações saindo do seu lar; Maomé fez a Hégira, viagem sagrada para Medina, que inicia o calendário muçulmano; e até mesmo os nossos tupis, através das migrações para o leste, viajavam em busca de uma “terra sem mal”. O confronto entre os que viajavam pelas florestas e os que viajavam pelos mares, acrescido mais tarde pelos que viajaram à força da África, produziu o Brasil.

Os chineses, grandes viajantes do século XV, depois se fecharam ao exterior e, apesar de terem chegado até a costa oriental da África, perderam o controle do comércio marítimo, que iria definir a primazia dos impérios ocidentais navegantes.⁹ O domínio do mundo acompanha os que delinham os contornos do planeta. Nos séculos XVI ao XVIII, os impérios europeus cartografam as margens e litorais dos continentes e, no XIX, penetram em profundidade nos interiores desbravados da África e América.

9 Os chineses, de 1405 a 1433, sob o comando do almirante Cheng Ho, um eunuco poderoso que comandou frotas de centenas de enormes navios, com milhares de tripulantes, percorreram toda a costa do Índico, onde há séculos se realizava o comércio árabe, em expedições suntuárias, sem objetivo comercial, mas levando presentes para demonstrar a grandeza do Império da dinastia Ming, até que em 1433 ocorreu o “Grande Isolamento”, quando proibiram-se as viagens ao exterior e até mesmo a fabricação de barcos. Ver BOORSTIN, D. J. *Os descobridores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989. p. 178-191.

O nascimento do Brasil, como de toda a América, é fruto de um impulso navegador e o livro fundador da literatura portuguesa, *Os Lusíadas*, é uma epopéia viajante que retoma o tema clássico da Odisséia e o identifica em Vasco da Gama, remetendo a origem lendária de Lisboa ao próprio Ulisses. O primeiro texto sobre o Brasil é um relato de viagens e, ao longo de sua história, esse gênero que, mais do que simplesmente “literário”, também é científico, político, econômico e moral representa uma boa parte das chamadas “fontes primárias”, que documentam visões de época que trazem, além dos testemunhos, imagens não somente coloniais, mas colonizadoras, produzidas a partir de uma impressão e de um interesse externos. Nesse universo colonial, cujo sentido da existência, como expressou Caio Prado Júnior em frase lapidar, é “exterior”, os registros também são feitos desde fora, pelos viajantes europeus.

As cruzadas inauguraram um tipo de viagem religioso-militar que iria ser emblemática da vocação de conquista de outras culturas por parte do Ocidente cristão. Toda a empreitada viajante para o Oriente e para a América foi governada por essa expansão da ambição, do saque e da pilhagem. Por escravos se adentrou na África, por ouro, nas selvas da América tropical e por especiarias, nos arquipélagos oceânicos do extremo-oriente. O gênero da literatura de viagem acompanhou a penetração colonial do Ocidente no mundo “exótico”. Aos clássicos, como o livro de Marco Polo e o *Livro das Maravilhas*, de John de Mandeville, que foram os mais importantes do final do XIII e XIV, respectivamente, sucederam-se na época moderna, como súmulas do conhecimento do mundo, novos livros dos viajantes na Ásia, África e América.

A partir do início de sua empreitada navegadora, os portugueses se tornaram os cronistas mais importantes da África e da Ásia, incluindo em suas descrições as informações botânicas e zoológicas que iriam formar a era da cosmografia mundial, berço das ciências da natureza. Em relação à América, entretanto, os portugueses foram muito pouco profícuos em relatos de viagem. As informações consideradas secretas foram pouco divulgadas e não se publicou praticamente nenhum livro sobre o Brasil, salvo poucas exceções.¹⁰ No século XVII, os holandeses foram os responsáveis pelo pri-

10 Como o *Tratado descritivo do Brasil* de Gabriel Soares de Souza (Lisboa, 1587). O *Cultura e opulência do Brasil*, de Antonil (Lisboa, 1711), foi proibido duas semanas após ter sido publicado.

meio trabalho de investigação da natureza brasileira de forma científica, com os naturalistas Piso e Marcgrave, que acompanharam o governador holandês de Pernambuco, Maurício de Nassau. Apenas no século XIX, após a vinda da família real, que o Brasil deixaria de ser proibido aos estrangeiros. A partir de então, proliferaram as viagens e os relatos de viajantes, especialmente de naturalistas, através do interior do império do Brasil, particularmente após a vinda da princesa Leopoldina, da Áustria, em 1817. Da mesma forma, a América espanhola também conheceria sua maior vaga de viajantes a partir das revoluções das independências.

A primeira grande expedição científica internacional na América foi a liderada pelo matemático francês Louis Godin, mas conhecida sob o nome de um dos sobreviventes, o geógrafo também francês La Condamine. Em 1735, duas equipes se lançaram uma para o Ártico e outra para a América equatorial. Pela primeira vez, o Império espanhol abriu suas colônias e agregou dois capitães na expedição que, desde Quito, atingiu a foz do Amazonas. Os inúmeros relatos publicados fazem parte do “corpus La Condamine”, como descreve Mary Louise Pratt, constituído por:

Textos orais, textos escritos, textos perdidos, textos secretos, apropriados, abreviados, traduzidos, coligidos e plagiados; cartas, relatórios, histórias de sobrevivência, descrição cívica, narrativa de navegação, monstros e maravilhas, tratados medicinais, polêmicas acadêmicas, velhos mitos reencenados e invertidos – o ‘corpus’ La Condamine ilustra o múltiplo perfil dos relatos de viagem nas fronteiras da expansão da Europa em meados do século XVIII.¹¹

O caráter imperial e colonial dos viajantes produziu com seus relatos não apenas informações úteis para os projetos europeus de dominação como também fenômenos de transculturação. Este termo, forjado pelo cubano Fernando Ortiz, foi empregado mais recentemente por Mary Louise Pratt para descrever as formas de interação entre culturas em que há processos assimilatórios mútuos e fecundos. O exemplo maior é o de Humboldt, que

11 PRATT, M. L. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. São Paulo: Edusc, 1999. p. 52. Há uma edição recente do relato de La Condamine sobre o Amazonas: LA CONDAMINE. *Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas*. Brasília: Senado Federal, 2000.

transporta para a Europa conhecimentos originalmente americanos e serve de inspiração para os ideólogos das independências das colônias espanholas na América. A visão romântica de que a natureza é perfeita até que o homem a deforme teria origem na visão da América de Humboldt, de uma “natureza dramática, extraordinária, um espetáculo capaz de ultrapassar o conhecimento humano”, baseada na “tríade icônica” da montanha, planície e selva. Esse olhar sobre a paisagem americana é um olhar interessado do Império, mesmo quando se apresentava como uma “busca inocente do conhecimento”. Segundo Pratt, a acumulação primitiva do capital realizada no âmbito do sistema colonial europeu produziu na esfera da cultura “os muitos tipos de coleções (...) como a imagem dessa acumulação e sua legitimação”.¹² Esse processo pode ser datado de 1735, quando coincidem a saída da expedição Condamine e a publicação do *Sistema da Natureza*, de Lineu. A cartografia, a botânica, a geologia, a zoologia convergem nessa ambição cosmográfica.

Os naturalistas viajantes eram os olhos de um corpo comum de conhecimentos que buscava se constituir na Europa através da enumeração e classificação de todas as espécies da flora e da fauna, assim como de todas as formas de sociedades humanas. As sociedades geográficas, as expedições botânicas de Lineu na Lapônia e de seus discípulos pelo mundo, as descrições da flora e da fauna, que fundaram a biologia moderna, até o estabelecimento da teoria da evolução, foram todas realizações de viajantes e seus textos científicos fundamentais eram livros de viagens. O olhar de Darwin sobre a Patagônia ou Galápagos tinha o mesmo sentido de desvendamento que a temerária viagem de Richard Burton para Meca revelava. Olhar e descrever toda a natureza das coisas e dos homens. O experimentalismo moderno é tributário dessa atitude investigativa do espírito viajante, dos pioneiros que delinearam a visão do mundo contornando seus extremos: Colombo, Vasco da Gama, Magalhães, Jacques Cartier, Francis Drake, Bering, Tasman, Cook, Fitz Roy, Richard Burton, Livingstone, Isabelle Eberhardt, o Perito Moreno, Amundsen e Scott, entre tantos outros, pelo mar, pela terra e pelo gelo. Uma parte importante do objetivo das viagens, sobretudo a partir do XVIII, era o da investigação natural, especialmente a botânica. A empreitada de Joseph Banks, que compilou um herbário de toda a região oceânica através das coletas realizadas

12 PRATT, op. cit., p. 75.

por ele e seus colaboradores nas viagens do capitão Cook, assim como a de Lineu, cujos discípulos deram muitos a própria vida para recolher informação botânica em todos os continentes são os exemplos maiores dessa investigação naturalista na época do Iluminismo, para cujo espírito enciclopédico tais viagens muito contribuíram.

A invenção do turismo e das paisagens

Antes da invenção do turismo, obra do final do século XIX, viajar por puro prazer e conhecimento era algo restrito à aventura dos sábios ou ao luxo aristocrático. Escrever sobre as viagens tornou-se um gênero com Goethe em suas andanças pela Itália, tema retomado por Stendhal, Maupassant e tantos outros. O inventor da palavra “turismo” parece ter sido Lord Byron. Viajando com seu séquito pela Europa continental, ele descreveu as aventuras do seu alter-ego Haroldo, ajudando a divulgar a idéia da transumância sazonal das classes médias sequiosas de fugir da rotina. Nada mais atraente, neste sentido, do que essas peregrinações laicas do lazer. Mas o próprio Byron levou seu compromisso de viajante em terras estrangeiras ao ponto do engajamento numa luta longe da pátria por um ideal e morreu de febre no campo de batalha da libertação grega.

A valorização cultural da viagem, a idéia ilustrada de que o conhecimento cosmopolita do mundo faz parte da boa educação surgiu tardiamente, apenas depois dos setecentos. As elites européias, especialmente no caso da Inglaterra, começaram a sair da ilha e conhecer o continente e, além das cidades, tornaram-se pontos de interesse os belos sítios naturais:

...a maioria dessas viagens em busca de belezas naturais – ainda que não todas – eram realizadas por pessoas que só podiam viajar porque a ‘natureza’ não havia deixado as terras que eles possuíam em ‘estado primevo’. As viagens pitorescas, bem como os poemas diários, pinturas e gravuras topográficas que as promoviam e celebravam, originavam-se dos lucros provenientes da agricultura melhorada e do comércio.¹³

13 WILLIAMS, op. cit., p. 179.

Esse *Grand Tour* do conhecimento pela viagem como parte da educação das elites abrangia alguns roteiros obrigatórios. A ida para a Itália era talvez o mais importante. Conhecer a cultura clássica, ver o seu cenário e os seus vestígios, ascender o vulcão Vesúvio e passear pela cidade revelada de Pompéia passou a ser, desde o final do dezoito, um dos objetivos centrais dos percursos vencidos pelos jovens ingleses na Europa. Um outro fluxo foi o dos norte-americanos, para quem a ida à Europa era o encontro com um passado inexistente em sua terra natal. Mark Twain escreveu a esse respeito *The innocents abroad*.

Tal processo foi simultâneo ao da “invenção da paisagem”, que ocorreu como manifestação de uma nova sensibilidade estética, só possível na medida em que se abstraía de um território a sua destinação precípua de recurso econômico, pois, como afirmou Raymond Williams, “Raramente uma terra em que se trabalha é uma paisagem. O próprio conceito de paisagem implica separação e observação (...) O observador consciente de sê-lo: o homem que não apenas contempla a terra mas também tem consciência do que está fazendo, como uma experiência em si”.¹⁴

A nova visão do mundo natural acarretou uma mudança na maneira como se viam as montanhas. Os Alpes eram vistos como “penhascos estranhos, horríveis e medonhos (...) ruínas e mais ruínas em montes monstruosos”, e só a partir da segunda metade do século XVIII que as montanhas começaram a ser vistas com admiração, embora fosse um maravilhamento pleno de terror diante da grandiosidade da natureza. Raymond Williams falou dessa “reação convencional de admiração mesclada de medo inspirada pela beleza natural, descrita por Johnson, na Alta Escócia, como: ‘terror sem perigo (...) um capricho da fantasia, uma agitação mental voluntária’ (...)” e Wordsworth também “buscava a beleza que, diz Milton, contém terror”.¹⁵ Essa beleza misturada com terror lembra o conceito kantiano do “belo sublime”, em que a atração estética da beleza remete a uma transcendência dos abismos e das escarpas.

Ao mesmo tempo que se processava na história da sensibilidade européia essa alteração na percepção emocional de certas paisagens natu-

14 WILLIAMS, op. cit., p. 167-168; SCHAMA, S. *Paisagem e memória*. São Paulo: Cia. das Letras, [198-]; e THOMAS, K. *O homem e o mundo natural*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988; são autores que também abordaram essa história ambiental, a história da paisagem.

15 WILLIAMS, op. cit., p. 180.

rais, valorizadas como expressão de uma natureza primeva, ocorria uma outra divulgação de imagens naturais das novas fronteiras da penetração ocidental. Ruyard Kipling e Joseph Conrad testemunharam a visão do último mundo a ser desbravado no século XVIII: os mares do Sul. O capitão Cook e o Tahiti tornaram-se a referência para o sonho das ilhas, que levou Gauguin e tantos outros a mergulharem na aventura do Pacífico Sul, e de cuja experiência nasceria a denúncia do papel destrutivo e corruptor da chegada européia nessas regiões remotas, como é o texto de Diderot, em que o chefe indígena relata como seu povo recebeu amorosamente os europeus e depois foi roubado, escravizado e contaminado.

Após o impacto inicial, a paisagem americana foi vista como a expressão de uma natureza “inferior” em relação à européia. Essa visão, manifestada por Buffon, tornou-se dominante até Humboldt maravilhar-se com a grandeza da América. A ruptura humboldtiana com a visão da inferioridade da América se coadunou com os movimentos de idéias que acompanharam os processos das independências americanas. Nos Estados Unidos, a visão da natureza selvagem tornou-se símbolo de uma vocação atribuída ao “espírito nacional”: desbravar as terras selvagens à Oeste. A fronteira móvel, o desbravamento do *wilderness*, representou um dos temas centrais da identidade nacional norte-americana,¹⁶ representado na pintura da natureza da chamada *Hudson river school*. No final do século XIX, o turismo de montanha alcançaria um auge no monte Washington, nas White Mountains, no estado de New Hampshire. Entre mais de duzentos hotéis suntuosos, foi construído, em 1902, o famoso Mount Washington Hotel, em Bretton Woods, onde seria realizada, em 1944, a conferência na qual foi fundado o FMI e adotado o padrão dólar no sistema financeiro internacional.¹⁷

A literatura da expansão imperial trouxe a revelação de outras culturas para a Europa, o primeiro contato com os seus textos e a sua tradução foram também algumas das conseqüências das aventuras de viajantes como Richard Burton, que foi em sua época talvez o homem mais viajado do

16 Ver sobre este tema PRADO, M. L. C. Natureza e identidade nacional nas Américas. In: *América Latina no século XIX*. Tramas, telas e textos. São Paulo: Edusp, 1999. p. 179-216.

17 Sobre turismo e parques nacionais nos Estados Unidos, vide BRYSON, B. *Uma caminhada pela floresta*. Redescobrimo os Estados Unidos pela trilha dos Apalaches. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

mundo, o primeiro europeu a desvendar lugares legendários e proibidos. Foi por meio de Burton que o termo de origem árabe *safar*, significando viagem ou jornada, na sua versão adaptada pelo suahili da África Oriental como *safári*, seria incorporado à língua inglesa e se tornaria um termo internacional.¹⁸

Os primeiros críticos da expansão imperial também se expressaram através do gênero da literatura de viagens, como o já citado *Suplemento às Viagens de Bougainville*, escrito por Diderot a partir dos relatos de um dos mais famosos navegadores franceses. A literatura de aventuras, da celebração da audácia dos descobridores imperiais diante de povos exóticos, como em Burton, chamada de cenário do “monarca de tudo o que vejo” por Mary Louise Pratt, transformou-se numa literatura da aventura do engajamento, como em Byron. A literatura da evasão transformou-se numa ode à ruptura dos muros das prisões.

Regiões como a Amazônia, a Patagônia, a Antártida, a Sibéria, o Saara, constituem as grandes extensões da natureza que permanecem, não intocadas ou intactas, mas ainda inexpugnáveis na sua vastidão a uma presença humana numerosa, mesmo que em suas franjas haja cidades, em seus horizontes mais amplos ainda não se divisa ocupação ou marcas humanas visíveis. Como marcas mais referenciais de lugares para uma viagem humana de desafio, de afirmação do seu direito de ir e vir sobre todos os pontos, mesmo os mais remotos do planeta, permanecem os picos das montanhas. Só há pouco mais de dois séculos que eles se tornaram lugares frequentados pelo desafio humano, pois antes, como lugares sagrados, impunham a inacessibilidade, pois o homem não deveria alçar-se tanto que pudesse emular os deuses, nem construindo torres como a de Babel nem ou-

18 Publicou 43 volumes sobre suas explorações, aprendeu dezenas de línguas e traduziu a literatura oriental. Em 1853, disfarçado de afegão, alcançou a cidade sagrada de Meca, onde foi um dos primeiros europeus a descrever a pedra da Kaaba. No ano seguinte, penetrou em Harar, a cidade proibida da África oriental. Participou da guerra da Criméia e, durante os anos de 1857/58, chegou perto das até então desconhecidas nascentes do Nilo, descobrindo o Lago Tanganica. Foi aos Estados Unidos e escreveu um livro sobre os mórmons, com quem esteve em Salt Lake City. Pesquisou minas na Islândia. Como funcionário do *British Foreign Office*, ficou três anos na ilha de Fernando Pó, na África Ocidental. Em 1864, veio para o Brasil, onde exerceu a função de cônsul em Santos, traduziu Camões e viajou para Ouro Preto e outras regiões, inclusive o teatro de operações da Guerra do Paraguai. Depois ainda foi cônsul em Damasco e em Trieste. Vide RICE, E. *Sir Richard Francis Burton*. O agente secreto que fez a peregrinação a Meca, descobriu o Kama Sutra e trouxe as Mil e uma noites para o Ocidente. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

sando atingir os píncaros do Olimpo. Desde o final do século XVIII, a revalorização das paisagens montanhescas incluiu a tentativa do acesso aos seus mais recônditos e altos píncaros. Penhascos e gelo abraçando-se num imaginário romântico de quadro paisagístico selvagem. Nesse sentido, é carregado de simbolismo o fato de que Humboldt tenha sido o primeiro homem conhecido a tentar escalar o monte Chimborazo, no Equador, em 1802, considerado na sua época como o mais alto do mundo (ele tem, na verdade, “apenas” 6.300 metros, e Humboldt chegou a 400 metros do pico). Vinte anos mais tarde, a segunda tentativa oficial seria de Simon Bolívar, que após a vitória na Colômbia e antes da batalha pelo Peru, aproveitaria seus meses em Quito para escalar o mesmo Chimborazo, onde teria uma intensa experiência espiritual, descrita em *Mi delírio en Chimborazo*, em que dialogou com o “pai dos séculos” e com a “Colômbia”.¹⁹ O alpinismo tornou-se mais tarde, no final do século XX, uma indústria turística poderosa, que além de levar expedições ao Everest e a todos os remotos lugares recônditos do mundo, move milhões de dólares, sendo apenas uma faceta mais “radical” do turismo planetário.

O turismo tornou-se, na atualidade, a principal causa das viagens humanas. Alguns países, como a Espanha, por exemplo, recebem mais turistas anualmente do que o número dos seus habitantes. O turismo adquire, neste início de terceiro milênio, uma dimensão inaudita de tráfegos humanos pelo planeta, numa intensidade e com uma ubiqüidade nunca antes vista.²⁰ Tal inflação deambulante traz uma popularização do turismo para os habitantes dos países centrais que expressa, na desigualdade crescente da sociedade planetária, um fluxo diferenciado entre abastados do norte em visitas de férias ao sul e de emigrantes despossuídos do sul dirigindo-se ao norte. Mas seja como mão-de-obra desterritorializada em emigração ou como lazer cultural por excelência da época contemporânea, o fluxo viajante pelo

19 PRATT, op. cit., p. 207 e 308.

20 Segundo Francesco Frangialli, secretário-geral da Organização Mundial do Turismo (OMT), estima-se que 668 milhões de viagens de turismo sejam realizadas no ano 2000 (em 2020 serão 1,56 bilhão). Os países que mais recebem turistas são a França (73 milhões), a Espanha (51,7) e os Estados Unidos (48,4). O Brasil recebe apenas 5 milhões de visitantes anualmente. As previsões da OMT indicam que os alemães e os japoneses serão os maiores viajantes nas próximas décadas, com um grande crescimento esperado de viagens de estrangeiros na China e de chineses pelo mundo. NÚMERO de turistas deve dobrar até 2020. *Folha de São Paulo*, 11 de jul. 2000. p. A 12.

globo cresce cada vez mais. Capitais, mercadorias e turistas franqueados pelos recursos de comunicação cada vez maiores e mão-de-obra de emigrantes controlados por aduanas e legislações cada vez mais rígidas. O crescimento do turismo e das unificações comerciais de países não tem significado, entretanto, diluição das fronteiras ou aumento do livre-trânsito para a maior parte da humanidade. Enquanto cresce a parcela dos que viajam, cresce ainda mais, em números absolutos, a dos que nunca saem de seus locais de origem ou migram exclusivamente por razões econômicas, permanecendo fixos à suas regiões de moradia, sem poder dar-se o luxo de viagens de turismo para outros países. O impacto cultural do turismo, tanto nos viajantes como nas populações tradicionais que são visitadas, é um objeto contemporâneo de investigação da história e da sociologia do turismo, que busca identificar os efeitos desse fenômeno, característico de uma época em que os meios de transporte permitem uma mobilidade quase total por todo o globo.

Viagens no século XX

Na segunda metade do século XX, floresceu um gênero de literatura de viagens que já não trazia o apelo oitocentista dos territórios desconhecidos, das terras ignotas que seriam pela primeira vez percorridas por pés humanos, mas descreveu uma busca existencial através da deambulação. Desde os beatnicks norte-americanos que certos lugares se tornaram imãs de uma sede de alteridade, um *call of the wild*, como Tânger, o México, a selva amazônica e os Estados Unidos em suas plagas mais remotas e belas. *On the road*, título de um livro de Jack Kerouac, tornou-se um lema das gerações pós-60, que buscaram os caminhos de Katmandu, Cuzco ou Marrakesh. Os esperançosos das sublevações populares internacionais também viajaram muito e escreveram seus relatos, o primeiro deles de Che Guevara que, quando médico recém-formado, percorreu a América Latina de motocicleta. Ainda está por ser escrita uma “sociologia da carona” na América do Sul a partir dos anos 60.

A literatura de viagens teve talvez em Bruce Chatwin o seu mais expressivo representante no final do século XX. Seu livro *Na Patagônia*,

de 1977, trouxe para essa vasta região do cone sul, partilhada entre Argentina e Chile, um enorme interesse por parte dos aventureiros do mundo, tendo sido objeto de outras obras que enfocaram o mesmo desafio do Perito Moreno há pouco mais de cem anos: desbravar a grande planície e o berço austral da cordilheira e dos ventos e as marcas que os homens vem inscrevendo nela, tais como *Patagonia Express* e outros livros do chileno Luís Sepúlveda; ou *The Old Patagonian Express*, do inglês Paul Theroux.²¹

Chatwin, falecido em 1989, foi não só um viajante infatigável, mas sobretudo um escritor excepcional e um estudioso apaixonado do fenômeno do nomadismo. Ele formulou uma “anatomia da inquietude” (*anatomy of restlessness*), onde teoriza a respeito de um impulso atávico à viagem que faria parte da humanidade, inscrito como uma tendência sazonal de errância e migração. A sedentariedade seria o resultado de uma deformação nessa tendência histórica de amor pela mudança e compulsão pela andança. Invertendo de forma poética e irônica a idéia da civilização como sendo a herança da sociedade urbana, berço clássico da polis grega e da cultura política, Chatwin identifica na sedentariedade a decadência, repetindo a tradição que critica a vida nas cidades como sinal de perda de fibra, autonomia e contato com a natureza.

Ambientes monótonos e atividades tediosas e regulares produziram fadiga e desordens nervosas constatáveis através da encefalografia, que indicaria que os viajantes tem estímulos cerebrais particulares causados pela mudança de situação. Citando desde Ibn Battuta, “Quem não viaja não conhece o valor do homem”, até Robert Burton (autor de *The Anatomy of Melancholy*): “O movimento é a melhor cura para a melancolia”, Chatwin desenvolve a idéia de que viajar está inscrito no impulso humano pela curiosidade:

...in becoming human, man had acquired, together with his straight legs and striding walk, a migratory “drive” or instinct to walk long distances through the seasons; that this drive was inseparable from his central nervous system; and that, when warped in conditions of settlement, it found outlets in violence,

21 Junto com este último, Chatwin proferiu uma conferência a duas vezes para a *Royal Geographical Society*, em 1985, publicada como *Patagonia Revisited*.

greed, status-seeking or a mania for the new. This would explain why mobile societies such as the gypsies were egalitarian, thing-free and resistant to change; also why, to re-establish the harmony of the First State, all the great teachers – Buddha, Lao-tse, St. Francis – had set the perpetual pilgrimage at the heart of their message and told their disciples, literally, to follow The Way.²²

Além desse impulso viajante, Chatwin identifica outro também presente e igualmente importante que é o da necessidade de um refúgio. A palavra nômade vem de “pastar” e é como um lamento por Abel, o nômade, contra Caim, o construtor de cidades, que soam os escritos de Bruce Chatwin, quando ele resenha o livro de Wilfred Thesiger (*Desert, Marsh and Mountain*),²³ “a traveller, in whom the old sense of travel as ‘travail’ has been revived”.²⁴

Viagens pelo Brasil

O Brasil constitui um dos capítulos mais importantes da história das viagens na época moderna.²⁵ Poucos foram os que percorreram e descreveram o interior do país antes de 1808. Alexandre Rodrigues Ferreira (1783-1791), que percorreu o Amazonas e o Mato Grosso, produzindo uma vasta e pioneira descrição natural do país, teve sua obra engavetada, dispersa e apropriada por outros.²⁶ Com o território proibido para os estrangeiros

22 CHATWIN, B. *Anatomy of restlessness*. New York: Penguin Books, 1997. p. 12.

23 *Ibid.*, p. 109.

24 *Ibid.*, p. 113.

25 Cf. MENDES, E. de C. *Os viajantes no Brasil: 1808-1822*. São Paulo, 1981. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo.

26 Cf. RAMINELLI, R. Viagens e inventários. Tipologia para o período colonial. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 32, p. 27-46, jan./jun. 2000; FERREIRA, A. B. Ciência e colonização. Viagem Filosófica. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 157-182, dez. 1998; AMADO, J. Viajantes involuntários: degredados portugueses para a Amazônia colonial. *História, Ciências, Saúde: Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 6, p. 813-832, set. 2000. Suplemento.

no período colonial, a vinda da família real, em 1808, veio a suscitar uma legião de curiosos desbravadores, finalmente autorizados a percorrerem os sertões e matas do Brasil. Devido ao sigilo com que a coroa portuguesa mantinha sua principal colônia, o maior naturalista da época a percorrer a América, Alexander von Humboldt (que viajou com Aimé Bonpland pelas Américas entre 1799 e 1803), foi proibido de visitar o Brasil. Após o casamento de D. Pedro I com a princesa Leopoldina, da Áustria, importantes expedições científicas vieram ao país, destacando-se aquelas de Martius e Spix (1817-1820)²⁷ e a do príncipe Maximiliano de Newid. No reinado de D. Pedro II, Agassiz (1865-66) foi um dos mais importantes naturalistas viajantes a percorrer o país.

A atividade de naturalista-viajante no Brasil tornou-se um fluxo constante de desembarques, especialmente pelo Rio de Janeiro, de estrangeiros vindos para investigar o país. As pesquisas de Miriam Lifchitz Moreira Leite, reunidas em *Livros de Viagem 1803/1900*, trazem um recenseamento dessa vasta literatura, compilando 172 livros de viajantes no Rio de Janeiro durante o século XIX,²⁸ dos quais 17 eram mulheres. Uma das quais, Rose de Freycinet, foi a primeira francesa a dar a volta ao mundo, entre 1817 e 1820. Três décadas mais tarde, outra escritora, a austríaca Ida Pfeiffer, veio ao Brasil, no curso de uma de suas circunavegações, em 1846.

Desde a abertura do Brasil para os visitantes estrangeiros, a Amazônia representou o destino mais fascinante. Dentre os muitos dos seus desbravadores, merece destaque o nome de um dos mais hábeis dos coletores dos seus segredos, Richard Spruce, que, em 1861, conseguiu a façanha de coletar e exportar, burlando proibições expressas das leis do Equador, as primeiras sementes e amostras de quina (*Cinchona*) que foram aclimatadas no sudeste asiático. Descreveu 118 espécies de palmeiras, e mais de 700

27 Sobre as viagens de Spix e Martius, o trabalho mais completo é o de LISBOA, K. M. A *Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo: Hucitec, 1997. Ver também, LISBOA, K. M. História e natureza em von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a nação. *História, Ciências, Saúde: Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 7, p. 391-413, jul./out. 2000.

28 Partindo do levantamento feito por BERGER, P. *Bibliografia do Rio de Janeiro de viajantes e autores estrangeiros (1531-1900)*. Rio de Janeiro: São José, 1964; Miriam L. Moreira Leite e seus colaboradores localizaram e classificaram quase duzentas obras, investigando-as especialmente no que se refere às informações sobre as mulheres brasileiras descritas pelo viajante.

espécies de hepáticas, além de ter sido o primeiro a descrever o cipó *Banisteriopsis caapi*, um dos mais importantes psicoativos amazônicos.²⁹

Mais tarde, a região amazônica continuou atraindo viajantes, entre os quais o ex-presidente norte-americano Theodore Roosevelt. O desaparecimento, em 1925, na região da serra do Roncador, do atual estado de Mato Grosso, de um explorador inglês, o coronel Fawcett, suscitou diversas expedições para encontrá-lo. Uma das mais cômicas é descrita por Peter Fleming, numa narrativa de sua viagem através de São Paulo durante a Revolução de 32 até chegar, através dos rios Araguaia e Tocantins, próximo à região onde Fawcett se extraviara, voltando depois através de Belém.

Livros de viagem de intelectuais brasileiros que foram ao interior do país, especialmente pela Amazônia, também não faltaram, sendo que dois dos mais significativos talvez sejam Euclides da Cunha e Mário de Andrade. Este último, além de promover a famosa expedição de pesquisa folclórica musical pelo Nordeste, viajou pelo rio Amazonas até Iquitos e pelo rio Madeira até Guajará Mirim. Euclides da Cunha participou da comissão de reconhecimento da fronteira brasileira-peruana, no Alto-Purus, em 1904, e reuniu anotações sobre a região que levaram, mais tarde, o próprio governo do Acre a publicá-las no aniversário dos 80 anos da expedição.

Desde as navegações que fundaram o sistema mundial e a era moderna, passando pelas viagens científicas corográficas, ampliando-se nas viagens ilustradas do século XIX, até se chegar à época dos transportes de massa do século XX, que os esquadrinhamentos, os périplos e os trânsitos se multiplicaram, sulcando rotas, abrindo estradas, invadindo países e miscigenando culturas. O apelo insaciável da partida continua animando as âncoras a se levantarem, os aviões a decolarem e os caminhantes a trilharrem seus destinos.

29 Cf. SEAWARD, M. R. D. Richard Spruce, botânico e desbravador da América do Sul. *História, Ciências, Saúde: Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 379-390, jul./out. 2000. Um dos biógrafos de Richard Spruce foi Richard Evans Schultes, recentemente falecido em abril de 2001 e cuja vida e obra etnobotânica é uma das epopéias das viagens científicas amazônicas.

Referências

- AMADO, J. Viajantes involuntários: degredados portugueses para a Amazônia colonial. *História, Ciências, Saúde: Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 6, p. 813-832, set. 2000. Suplemento.
- ANDERSON, P. *Linhagens do estado absolutista*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BERGER, P. *Bibliografia do Rio de Janeiro de viajantes e autores estrangeiros (1531-1900)*. Rio de Janeiro: São José: 1964.
- BOORSTIN, D. J. *Os descobridores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- BRYSON, B. *Uma caminhada pela floresta*. Redescobrimo os Estados Unidos pela trilha dos Apalaches. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.
- CHATWIN, B. *Anatomy of restlessness*. New York: Penguin Books, 1997.
- EVDOKIMOV, M. *Pèlerins russes et vagabonds mystiques*. Paris: Cerf, 1987.
- FERREIRA, A. B. Ciência e colonização. Viagem filosófica. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 157-182, dez. 1998.
- FLAUBERT, G. *Madame Bovary*. Paris: LGF/Le Livre de Ponche, 1983.
- HISTÓRIA e natureza em von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a nação. *História, Ciências, Saúde: Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 391-413, jul./out. 2000.
- HOBSBAWM, E. J. *A era das revoluções, 1789-1848*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- HOBSBAWM, E. J. *Era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991*. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- LA CONDAMINE. *Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas*. Brasília: Senado Federal, 2000.
- LEITE, M. L. M. *Livros de viagem, 1803/1900*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- LISBOA, K. M. *A Nova Atlântida de Sprix e Martius: natureza e civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- MENDES E. de C. *Os viajantes do Brasil: 1808-1822*. São Paulo, 1981. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo.

NÚMERO de turistas deve dobrar até 2020. *Folha de São Paulo*, 11 jul. 2000. p. A 12.

PRADO, M. L. C. Natureza e identidade nacional nas Américas. In: PRADO, M. L. C. *América Latina no século XIX*. Tramas, telas e textos. São Paulo: Edusp, 1999.

PRATT, M. L. *Os olhos do império*: relatos de viagem e transculturação. São Paulo: Edusc, 1999.

RAMINELLI, R. Viagens e inventários. Tipologia para o período colonial. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 32, p. 27-46, jan./jun. 2000.

RICE, E. *Sir Richard Francis Burton*. O agente secreto que fez a peregrinação a Meca, descobriu o Kama Sutra e trouxe as Mil e uma noites para o Ocidente. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

SCHAMA, S. *Paisagem e memória*. São Paulo: Cia. das Letras, [198-].

SEAWARD, M. R. D. Richard Spruce, botânico e desbravador da América do Sul. *História, Ciências, Saúde: Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 379-390, jul./out. 2000.

THOMAS, K. *O homem e o mundo natural*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

WILLIAMS, R. *O campo e a cidade*. Na História e na Literatura. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.